



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS
E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

A FUNÇÃO SINTÁTICA NA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM DADOS DA INTERNET

Samira Pimenta Pires

Orientadora: Rozana Reigota Naves

Brasília

2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS
E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

A FUNÇÃO SINTÁTICA NA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM DADOS DA INTERNET

Monografia de conclusão
de curso de Licenciatura
em Letras - Português.
Universidade de Brasília.

Brasília
2011

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo 1	5
Capítulo 2	9
Capítulo 3	15
Conclusão	19
Referências bibliográficas	20

INTRODUÇÃO

A língua falada no Brasil é heterogênea e possui algumas variedades de formas linguísticas. A concordância nominal, assim como outros elementos da sintaxe, também apresenta regras variáveis.

Neste trabalho é feita uma análise que busca evidenciar se a função sintática do sintagma nominal exerce alguma influência para a ausência de concordância. A coleta de dados para a constituição do *corpus* foi feita em dois fóruns da Internet: *UOL Jogos* e *Darkside*. Nesses dois fóruns foram encontrados e coletados sessenta sintagmas nominais com ausência de concordância em pelo menos um de seus constituintes.

Na primeira parte do trabalho é apresentado um panorama da concordância nominal de número no português na ótica da Gramática Tradicional, baseado nas gramáticas de Cunha & Cintra (2008), Bechara (2009) e Cegalla (2010).

Na segunda parte, a concordância é apresentada como um caso de regra variável, sob o ponto de vista da Sociolinguística. O principal referencial teórico utilizado é a tese de doutorado de Maria Marta Pereira Scherre, *Reanálise da Concordância Nominal em Português* (1988).

A última parte consiste na análise dos sintagmas nominais com ausência da marca formal de concordância em pelo menos um de seus constituintes, retirados dos dois fóruns da Internet.

CAPÍTULO 1

A Concordância Nominal na Gramática Tradicional

De acordo com Cegalla (2010, p.438), “*concordância* é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem”. Dessa forma, os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem, a chamada concordância nominal:

(1) A menina é bonita. / As meninas são bonitas.

Na concordância do adjetivo com o substantivo, há algumas peculiaridades e especificações que dependem da função e posição do adjetivo.

Cunha & Cintra (2008) afirmam que quando o adjetivo, seja na função de adjunto adnominal ou de predicativo, refere-se a apenas um substantivo, com ele concorda em gênero e número. Cegalla (2010, p.439) observa que “os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que*, etc.), normalmente ficam no masculino singular”, mas ressalta que podem concordar com o substantivo por atração:

(2) Seus **olhos** têm algo de **sedutor**

(3) **Elas** nada tinham de **ingênuas**.

Quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, é preciso também observar o gênero e o número dos substantivos. Cunha & Cintra (2008) apresentam a regra geral de concordância quando o adjetivo na função de **adjunto adnominal** vem antes dos substantivos: “O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles” (p.285). O exemplo (4) representa essa situação:

(4) Vivia em **tranqüilos bosques** e **montanhas**.

Se o adjetivo está posposto aos substantivos, Cunha & Cintra estabelecem cinco especificações. A primeira, quando os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, caso em que o adjetivo toma o gênero do substantivo e, quanto ao número, pode ir para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara), respectivamente:

(5) Estudo a **língua** e a **literatura portuguesa**.

(6) Estudo a **língua** e a **literatura portuguesas**.

A segunda refere-se a substantivos de *gêneros diferentes* e do *singular*, em que o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo (mais comum) ou com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural:

(7) Estudo o **idioma** e a **literatura portuguesa**.

(8) Estudo o **idioma** e a **literatura portugueses**.

A seguir, é demonstrado o caso de substantivos do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*. Nesse caso, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai ou para o plural, que é a concordância mais comum, ou para o número do substantivo mais próximo:

(9) Estudo as **línguas** e a **civilização ibéricas**.

(10) Estudo as línguas e a civilização ibérica.

A quarta especificação fala dos substantivos de *gêneros diferentes* e do *plural*. A concordância mais comum ocorre quando o adjetivo vai para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo, mas pode ir também para o masculino plural:

(11) Estudo os **idiomas** e as **literaturas ibéricas**.

(12) Estudo os **idiomas** e as **literaturas ibéricos**.

O último caso apresentado por Cunha & Cintra na concordância do adjetivo adjunto adnominal é o de substantivos de *gêneros* e *números diferentes*, em que o adjetivo pode ir para o masculino plural (concordância mais comum) ou para o gênero e

o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é feminino plural):

(13) Estudo os **falares** e a **cultura portuguesas**.

(14) Estudo o **idioma** e as **tradições portuguesas**.

Cegalla lembra ainda o caso de um mesmo substantivo determinado por mais de um adjetivo adjunto adnominal: “Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos” (p.439). Por exemplo:

(15) Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

(16) Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Quando o adjetivo exerce a função de *predicativo* de um sujeito múltiplo, Cunha & Cintra (2008, p.287) afirmam que o adjetivo “observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal”. Entretanto, fazem duas ressalvas. Quando os substantivos sujeitos são do mesmo gênero, o adjetivo concorda com o gênero dos substantivos e vai para o plural:

(17) A **porta** e a **janela** estavam **abertas**.

E quando os substantivos são de gêneros diversos, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

(18) A **janela** e o **portão** estavam **abertos**.

Os autores observam que nos dois casos há também a possibilidade de o adjetivo concordar com o sujeito mais próximo, desde que o verbo de ligação esteja no singular e antes dos sujeitos:

(19) **Estava aberta** a **janela** e o portão.

Cegalla (2010, p.440), entretanto, admite essa concordância também com o verbo de ligação no plural:

(20) **Estavam molhadas** as **cortinas** e os tapetes.

Na função de predicativo do objeto, Cunha & Cintra (2008, p.288) afirmam que o adjetivo “obedece, em geral, as mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito”.

A concordância do determinante (adjetivos, artigos, pronomes e numerais) também pode ser baseada não na forma gramatical da palavra determinada, mas na sua idéia, no seu sentido, a chamada *silepse*, como exemplificam Cunha & Cintra (2008, p.645):

(21) Deu-me notícias da **gente** Aguiar, estão **bons**.

Mas não é em todas as ocasiões que esse tipo de concordância é avalizada pela Gramática Tradicional. Bechara (2009, p.544) salienta que “é preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”.

CAPÍTULO 2

A Concordância Nominal como um Caso de Regra Variável

Se para a Gramática Tradicional há um padrão fixo de concordância nominal, em que todos os elementos determinantes do sintagma devem ser flexionados seguindo o número do substantivo, a Sociolinguística considera que no português falado no Brasil a concordância de número “se comporta como um fenômeno de uso variável que se pressupõe estar passando por um processo de mudança” (Dias, 1993, p.18).

A concordância nominal de número tem sido um fenômeno em variação muito estudado pelos linguistas. Dentre outros importantes trabalhos sobre o tema, destacam-se a tese de doutorado de Scherre (1988) e a dissertação de mestrado de Dias (1993).

Para Dias (1993), a concordância de número no sintagma nominal possui basicamente duas variantes, ou seja, duas formas linguísticas alternativas de expressão do plural: a presença do morfema de número (variante marcada) e a ausência desse morfema (variante não marcada), formas alternativas também consideradas por Scherre (1988).

Em sua tese de doutorado, Scherre analisa sintagmas nominais plurais passíveis de variação extraídos de 64 gravações com uma hora cada de 64 falantes, sendo 48 adultos e 16 crianças, divididos em função do sexo, anos de escolarização e faixa etária. Na amostra de fala analisada, Scherre constata que a marca explícita de plural pode ser encontrada:

a) em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal:

(1) *os fregueses/ essas coisas todas/ os meus ainda mais velhos amigos;*

b) em alguns dos elementos flexionáveis do sintagma nominal:

(2) *do0 meus pais/ as minhas duas filha0/ as mulheres ainda muito mais antiga0;*

c) em apenas um dos elementos flexionáveis do sintagma nominal:

(3) *as codorna0/ as porta0 aberta0/ os documento0 dela0 todinho0;*

d) em nenhum dos elementos flexionáveis do sintagma nominal:

(4) *dois risco verde/ uma porção de coisa interessante.*

Scherre (1988) analisa a concordância de número levando em consideração variáveis linguísticas e sociais. A autora analisa as variáveis linguísticas sob duas perspectivas. A primeira, atomística, em que cada item flexionável do sintagma nominal é uma unidade de análise. Nesse prisma, é considerada a presença *versus* ausência da concordância nominal em cada um desses itens. A outra perspectiva é a não atomística, em que o sintagma nominal como um todo é a unidade de análise. Sob esse ponto de vista, Scherre considera a presença de marca em todos os elementos flexionáveis *versus* ausência de marca em pelo menos um desses elementos.

Na análise atomística, Scherre discute onze variáveis:

1. processos morfológicos de formação de plural;
2. tonicidade dos itens lexicais singulares;
3. número de sílabas dos itens lexicais singulares;
4. posição linear do elemento no SN;
5. classe gramatical do elemento nominal;
6. marcas precedentes ao elemento nominal analisado;
7. contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise;
8. função sintática do SN (codificada em cada um de seus constituintes);
9. animacidade dos substantivos;
10. grau dos substantivos e dos adjetivos e
11. formalidade dos substantivos e dos adjetivos.

A autora conclui com a análise atomística que “um conjunto significativo de variáveis contribuem para a não aleatoriedade da presença/ausência das marcas formais de concordância gramatical (ou simplesmente de marcas formais de plural) nos elementos flexionáveis do SN” (1988, p.278). E constata que oito variáveis linguísticas exercem influência sobre a concordância:

- a) saliência fônica (com as suas dimensões Processos e Tonicidade, as duas primeiras variáveis enumeradas acima):
(5) *ovo/óvos; leitão/leitões; casal/casais; mês/meses; país/países*
- b) relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN (as classes não nucleares antepostas são mais

marcadas do que as pospostas; os substantivos e as categorias substantivadas são mais marcados na primeira e na terceira posição; os pronomes pessoais evidenciam maior número de marcas na primeira do que na segunda posição):

(6) *as **lei** trabalhista; os meus **filhos**; eles todos*

- c) marcas precedentes em função da posição (presença de marcas leva a marcas e presença de zeros leva a zeros):

(7) ***milhões de** coisas/**uma porção de coisa** interessante*

- d) contexto fonético/fonológico seguinte (não se evidencia a busca do padrão silábico universal CV; nos itens terminados em –s há um efeito positivo da consoante e negativo da vogal; a pausa influencia positivamente os itens terminados em –s; há pouca influência dos traços dos segmentos em termos de papel das cordas vocais, ponto de articulação e caixas de ressonância):

(8) *mar/mares; três **mês** ele*

- e) função resumitiva do SN:

(9) *Já saímos de melindrosa, de Pedrita, de (...) Que mais? **Essas bestera toda.***

- f) formalidade dos substantivos e adjetivos (os substantivos e adjetivos mais informais inibem o número de marcas plurais no SN):

(10) *uns **cara** machão; fazendo essas **miséria** todinha*

- g) grau dos substantivos e adjetivos (os diminutivos e aumentativos desfavorecem o número de marcas plurais no SN):

(11) *tem umas **garotinha** lá/ são meus **amigão***

- h) animacidade dos substantivos (substantivos com traço [+humano] possuem mais marcas de plural):

(12) *com meus **pais** eu já viajei/ as **professoras** novinhas gostavam*

Analisando essas variáveis, Scherre afirma que há alguns casos em que a concordância ou as marcas de plural tendem a ocorrer mais, como quando há mais saliência fônica na oposição singular/plural ou quando os itens nucleares ocupam as

primeiras e as terceiras posições do SN. Da mesma forma, há casos em que a concordância ou marcas de plural ocorrem menos, como quando o SN é de função resumitiva ou quando os itens lexicais são informais, diminutivos/aumentativos não humanos.

Para a análise não atomística, Scherre leva em conta as seguintes variáveis linguísticas:

1. pluralidade do contexto;
2. configuração sintagmática;
3. função textual do SN;
4. localização do SN em relação ao verbo ou à oração;
5. *status* informacional do SN;
6. grau/formalidade do SN;
7. pluralidade do SN;
8. animacidade do SN;
9. saliência fônica na dimensão processos.

Analisando o sintagma nominal como um todo, Scherre considera a variável pluralidade do contexto como a mais importante do ponto de vista estatístico, e sobre ela afirma que “todos os agrupamentos de falantes, independentemente do seu grau de escolarização, apresentam SNs mais marcados nos ambientes de [+pluralidade] do que nos de [-pluralidade]” (1988, p.360). A autora destaca também a “forte influência da configuração sintagmática sobre a incidência de SNs com todas as marcas de plural” (1988, p.367).

A autora também faz a análise de seis variáveis sociais, sendo três tradicionais: anos de escolarização, sexo e faixa etária, e três consideradas pela autora como não convencionais: mercado ocupacional (correlação entre o tipo de atividade profissional e a necessidade do uso de formas linguísticas de prestígio), mídia (grau de exposição do falante aos meios de comunicação de massa) e sensibilidade linguística (grau de consciência do falante em relação à diversidade linguística e da sua atitude com relação a ela).

Sobre a variável anos de escolarização, Scherre afirma que os resultados “evidenciam que há uma relação diretamente proporcional entre o aumento dos anos de escolarização e o Índice de plural nos SNs (...)” (1988, p.445). Com relação à variável

sexo, a autora conclui com os resultados que as mulheres se aproximam do padrão mais do que os homens. Foi feita também uma análise baseada em quatro faixas etárias: 7 – 14 anos; 15 – 25 anos; 26 – 49 anos; 50 – 71 anos, em que os resultados apresentaram “uma distribuição curvilínea não acentuada” (*op. cit.*, p.445). Os falantes das faixas etárias apresentaram, respectivamente, as seguintes probabilidades de aplicação da concordância:

- a) 7 – 14 anos: 0,45;
- b) 15 – 25 anos: 0,51;
- c) 26 – 49 anos: 0,56;
- d) 50 – 71 anos: 0,48.

Na análise das variáveis não convencionais, Scherre (1988) conclui que o mercado ocupacional é a variável de efeito mais forte. Falantes com cotação positiva no mercado ocupacional fazem mais concordância do que os de cotação negativa. A sensibilidade linguística também exerce influência nesse sentido: falantes com maior sensibilidade linguística realizam mais concordância. A autora afirma que o efeito da variável média pouco se faz sentir.

Em sua dissertação de mestrado, Dias (1993) procura confirmar as hipóteses estabelecidas por Scherre (1988) para a concordância de número no SN, ao analisar dados de dez alunos de escola pública da área urbana e dez da área rural de Brasília, comparando-os entre si e com os do Rio de Janeiro, analisados por Scherre (1988).

Dias (*op. cit.*, p.163) conclui que “as variáveis escolhidas como mais significativas foram em sua maioria as mesmas, tanto para os falantes do Rio comparados aos de Brasília, como para os de Brasília entre si”. Dentre essas variáveis, algumas que se mostraram mais atuantes foram: a distribuição dos elementos do sintagma em função de sua posição e de sua relação com o núcleo; a origem e localização geográfica: rural *versus* urbana e a saliência fônica na oposição singular/plural.

Pelos resultados obtidos com a análise, Dias afirma que: “podemos verificar que houve mais semelhanças que diferenças, já que houve uma convergência em termos de condicionadores linguísticos mais relevantes para a realização variável da concordância de número no SN” (p.166).

Trabalhos como o de Scherre (1988) e Dias (1988) confirmam que a variação na concordância de número no português brasileiro depende de aspectos linguísticos e sociais e já está “definitivamente internalizada na mente de seus falantes”, como salienta Scherre (1994, p.11), em seu artigo *Aspectos da Concordância de Número no Português do Brasil*.

Entretanto, essa não é a opinião de todos. O Ministério da Educação distribuiu em maio deste ano para quase meio milhão de alunos da educação de jovens e adultos (EJA) um livro didático de português intitulado “Por uma vida melhor” (2011). Nesse livro, é abordada a questão da variação linguística, com ênfase na concordância. O trecho a seguir (p.15, grifos nossos) mostra como a concordância nominal é trabalhada no livro, sob o prisma da sociolinguística:

*‘Os **livro** ilustrado mais interessante estão emprestado’.* Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro’?” Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

As afirmações da autora sobre a concordância nominal foram alvo de duras críticas da imprensa e da população, no sentido de que o livro preconiza um erro gramatical e ensina o “jeito errado” de falar.

Observando-se os trabalhos sociolinguísticos analisados neste capítulo, pode-se perceber que essas acusações contra o respeito à variação linguística são injustas e provenientes de quem ainda pensa que no Brasil existe apenas uma forma padronizada de falar. Estudos como esses contribuem para o não desmerecimento das variedades linguísticas chamadas de “populares” ou “não cultas”, buscam analisar essas diferentes manifestações linguísticas, que apesar de reprovadas pela gramática tradicional são legítimas e possuem extrema importância, como afirma Maria Cecília Mollica (2010, p.13):

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

CAPÍTULO 3

A Função Sintática do SN na Variação da Concordância Nominal em Registros na Internet

Neste capítulo será apresentada uma análise da variável lingüística independente função sintática do SN no uso da variação da regra de concordância nominal de número em tópicos de dois fóruns para debates na Internet.

Para a análise, foi realizada uma busca de forma aleatória nos fóruns *UOL Jogos* e *Darkside*, em razão do alto número de tópicos para a pesquisa nesses fóruns. Foram encontrados e coletados sessenta sintagmas nominais com ausência da marca formal e explícita de concordância de número em pelo menos um de seus constituintes.

Scherre (1988), ao fazer uma análise da influência da função sintática sobre o número de marcas plurais no SN, categoriza sete funções para o sintagma, como demonstram os exemplos retirados dos dados analisados pela autora:

a) função de sujeito:

(1) *os cara começa a correr*

b) função de complemento nominal ou verbal:

(2) *tem contato com as pessoas*

c) função de adjunto adnominal ou verbal:

(3) *Quarto dos fundos*

d) função predicativa ou função dúbia (casos em que o sintagma pode ser interpretado como sujeito, predicativo ou objeto direto):

(4) *eu não acho que sejam pessoas alienadas não*

e) função dupla (casos de oração relativa que exercem uma função na principal e outra na encaixada):

(5) *As pessoas ficaram sem as máscaras que elas têm*

- f) função abortada (casos em que ocorrem interrupções no discurso, não sendo possível a identificação precisa da função sintática:

(6) *Não to interessada se tem esquerda...as ideias...por isto eu acho que*

- g) função resumitiva ou fática (casos em que o SN funciona como um resumo de ideias anteriores ou como uma unidade parentética):

(7) *já saímos de melindrosa, de Pedrita, de...que mais? Essas bestera toda*

A autora analisa a quantidade de aplicações da marca de plural nas funções enumeradas acima, e conclui que as funções sintáticas tradicionais, “tanto as funções consideradas essenciais quanto integrantes e acessórias, apresentaram índices de concordância bastante semelhantes” (*op. cit*, p.261).

Partindo desse ponto, será feita uma comparação entre funções sintáticas tradicionais encontradas nos dados coletados dos fóruns, com o objetivo de verificar se em alguma ou algumas dessas funções há mais incidência de falta da marca formal de concordância de número.

Foram encontradas sete funções sintáticas ocupadas pelos sintagmas nominais com ausência da marca formal de plural, exemplificadas a seguir:

- a) sujeito:

(1) **Meus filho** serão zika do baile

- b) objeto direto:

(2) Vou pega **as gatinha!**

- c) objeto indireto:

(3) Gosto **desses tipo** de jogos multiplayer para jogar com a família

- d) complemento nominal:

(4) Esses moleque de hj em dia eh tudo zuado **das idéia**

- e) adjunto adverbial:

(5) Mto pipoca soh apanha **nos clássico**

f) adjunto adnominal:

(6) *Tenho conexão de **dois mega** speed*

g) predicativo do sujeito:

(7) *Pior que são **uns franguinho***

A tabela 1 demonstra que a função sintática mais ocupada por sintagmas nominais com ausência da marca de plural foi a de objeto direto, seguida de sujeito, adjunto adverbial e objeto indireto. As posições complemento nominal, adjunto adnominal e predicativo do sujeito aparecem com dois sintagmas cada:

TABELA 1

Função sintática	Quantidade de SNs	Porcentagem
Objeto direto	28	47%
Sujeito	16	27%
Adjunto adverbial	6	10%
Objeto indireto	4	7%
Complemento nominal	2	3%
Adjunto adnominal	2	3%
Predicativo do sujeito	2	3%

Pode-se observar que a função de objeto direto tem um destaque em comparação às outras funções, mesmo com relação à segunda colocada, a função de sujeito, com mais de dez sintagmas de diferença, em um total de sessenta. A partir dos dados encontrados, pode-se concluir que as funções sintáticas de sintagmas nominais com mais ausência da marca formal de plural são as posições de objeto direto e sujeito, respectivamente, com um total de 74% dos dados encontrados nos fóruns.

Essas duas funções, sujeito e objeto direto, se distinguem das demais funções encontradas pois são argumentos do verbo, e não constituem sintagmas preposicionais, como ocorre em exemplos das outras funções analisadas, com exceção do predicativo do sujeito, que também representa uma configuração estrutural diferente da dos argumentos do verbo .

O percentual expressivo de casos de sujeito e objeto direto sem a marca formal de plural nos dados encontrados mostra que a presença da preposição ou de uma configuração sintática específica, como é o caso do predicativo do sujeito, inibe a falta de concordância nominal de número.

CONCLUSÃO

O português são dois; o outro, mistério.

(C. Drummond de Andrade)

Os estudos apresentados na primeira e segunda parte do presente trabalho confirmam que a regra variável de concordância nominal é muito utilizada por falantes brasileiros, já está internalizada em suas mentes, e pode ser objeto de valiosos trabalhos para esclarecimento de seus usos, como o de Scherre (1988).

A análise realizada no terceiro capítulo deste trabalho evidencia que os sintagmas nominais selecionados livremente pelo verbo, sem a intermediação de uma preposição e em configuração distinta da dos argumentos do verbo, estão mais propensos a não apresentar a marca formal de plural em todos os seus constituintes, ao passo que a presença da preposição e outras configurações sintáticas, como a de predicativo do sujeito, tendem a conservar essas marcas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIAS, M. C. A. C. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Brasília: UnB. Dissertação de Mestrado, 1993.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Heloisa. *Por uma vida melhor*. Coleção Viver, Aprender. São Paulo: Ed Global. 2011.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista internacional de língua portuguesa (RILP) - Norma e variação do português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Volume 12, p. 37-49. Dez. de 1994. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf>>. Acesso em 30 de mar. 2011.